



**OS INTELLECTUAIS E A POLÍTICA:
A INTERVENÇÃO IDEOLÓGICA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E
ASSIS CHATEAUBRIAND NO PROCESSO ELEITORAL DE 1929-1930**

Júlia Silveira Matos

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

jul_matos@hotmail.com

Resumo: Através das páginas do O Jornal, do Diário de São Paulo e do Diário da Noite, Assis Chateaubriand e Sérgio Buarque de Holanda defenderam suas idéias sobre Estado, democracia e liberdade, da mesma forma que criticaram o governo instituído. A crítica em seus escritos, não foi um mero reflexo dos problemas sócio-políticos daquele momento, era arma para produzir efeito sobre a realidade nacional. Sendo assim, no presente trabalho, analisaremos como Sérgio Buarque e Assis Chateaubriand criticaram o despotismo, a tirania e o autoritarismo como cerceadores das liberdades, em seus artigos jornalísticos publicados no O Jornal e no Diário da Noite nos anos de 1929, ao mesmo tempo em que conservaram algumas características do pensamento autoritário em suas propostas político-filosóficas para o Brasil.

Palavras-chave: intelectuais – imprensa - autoritarismo

Nesse ponto, o Estado adiciona-lhes a energia que suas próprias funções fornecem – evoluindo, como acontece a estas, da proteção para a ordem e a justiça, e, finalmente, para o bem-estar e a civilização (LIPSON, 1966:22).

Conforme acima citado por Leslie Lipson, o Estado, teoricamente, deveria adicionar energia fluente às forças sociais (família e língua, raça e religião, economia e ecologia), para as quais serviria como condutor ao processo de ordenação e bem comum. Nessa perspectiva, duas correntes principais de pensadores, os autoritários e os liberais, propuseram princípios filosóficos para a política nacional brasileira, de forma a alcançar o bem coletivo. Esses intelectuais pensavam o Estado não simplesmente como um sistema de instituições e serviços, mas como um corpo do qual faziam parte e assim, como homens políticos tiveram a necessidade de interpretar as estruturas que edificaram “em termos que satisfaçam a razão, bem como a necessidade moral de justificá-las em sua consciência” (LIPSON, 1966:23). Em concordância com a citação, podemos perceber que, tanto, os autoritários como Alberto Torres e Oliveira Vianna, quanto os



liberais como Ruy Barbosa, estiveram de diversas maneiras envolvidos diretamente na administração pública, e por isso não apenas pensaram as estruturas que edificaram, como citou Lipson, mas tentaram justificar de forma racional suas inserções.

No entanto, não apenas esses homens políticos envolvidos na administração pública, chamados por Lúcia Lippi Oliveira de intelectuais engajados, pensaram a política nacional, mas outros filósofos-políticos também o fizeram. Esses não atuaram na política nacional de forma direta, mas buscaram fazê-lo indiretamente através de seus escritos. Esse posicionamento, foi marcante nos escritos de intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda e Assis Chateaubriand, que mesmo sem uma atuação direta no governo entre os anos revolucionários de 1929 e 1930, almejavam através de seus escritos intervir nos rumos da política nacional. Segundo, Renato Janine Ribeiro, “*o pensamento político exprime, em grau mais alto, um traço que talvez seja comum a todo o pensamento: uma intenção de intervir*” (RIBEIRO, 1989:117). Dessa forma, conforme a citação de Ribeiro, donos de um pensamento político elaborado, Sérgio Buarque e Assis Chateaubriand acreditaram na Revolução como o instrumento que livraria o Brasil das forças autoritárias que o mantinham em cativeiro, e viram no movimento de 1930 uma via redentora para a nação.

Nesses anos o instrumental adotado por ambos os intelectuais foi a imprensa, que de acordo com Maria Helena Capelato, atua no processo de “*intensificação das emoções (...) responsáveis pelo aquecimento das sensibilidades*” (CAPELATO, 1999:168). É preciso considerarmos que acima de sua atuação no campo emocional, como afirmou Capelato, a imprensa possuía nos anos de 1930 um alcance consideravelmente maior que qualquer livro. E mais importante, para o próprio Assis Chateaubriand a imprensa tinha um papel central na formação de opinião. Ao se referir a utilização dos meios de comunicação pelo governo de Hitler, afirmou: “*a técnica de propaganda detém resultados até a hipnose coletiva (...). O número de heréticos se torna cada vez mais reduzido porque o esforço de sugestão coletiva é desempenhado pelas três armas poderosas de combate da técnica material de propaganda: o jornalismo, o rádio e o cinema*” (Diário de Notícias, 30/04/1935). Como vemos, nessa citação, o jornalista e proprietário dos Diários Associados, o sr. Assis Chateaubriand, tinha plenamente em mente o papel e a centralidade da imprensa na divulgação de idéias e formação de opinião dos leitores.

Através das páginas do O Jornal, do Diário de São Paulo e do Diário da Noite, Assis Chateaubriand e Sérgio Buarque de Holanda defenderam suas idéias sobre Estado, democracia e liberdade, da mesma forma que criticaram o governo instituído. A crítica em seus escritos, não foi um mero reflexo dos problemas sócio-políticos daquele momento, era arma para produzir efeito sobre a realidade nacional. Para eles o Estado seria o guardião da ordem e das liberdades, defensor dos direitos dos cidadãos e como tal deveria seguir os caminhos escolhidos pela maioria. No entanto, o Estado Brasileiro, nascido no berço do absolutismo português, desde a Proclamação da República viveu sob o “autoritarismo” empregado pela sucessão de governos militares. Nas palavras de Ruy Barbosa, consagrado liberal, a experiência republicana brasileira era marcada por *“de não menos de três ditaduras, todas militares, já gozaram a excellencia de nossos vinte e sete annos de existência republicana”* (BARBOSA, 1932:158). Justamente, contra essa tradição política militarizada e, referida por Ruy Barbosa, autoritária, se colocaram Sérgio Buarque de Holanda e Assis Chateaubriand, em fins dos anos de 1929.

Entretanto, o autoritarismo de fato, com todo seu processo de centralização, somente foi amplamente empregado no governo de Getúlio Vargas no decorrer dos anos de 1930. A política instaurada durante a República Velha era considerada por Sérgio Buarque e Chateaubriand como tirânica e despótica. Esse despotismo e tirania deveriam, conforme defendido por ambos os intelectuais, ser varridos da política nacional, eram características exteriores a índole brasileira e cerceadoras das liberdades, principal sustentáculo de uma democracia.

Sendo assim, no presente trabalho, analisaremos como Sérgio Buarque e Assis Chateaubriand criticaram o despotismo, a tirania e o autoritarismo como cerceadores das liberdades, em seus artigos jornalísticos publicados no O Jornal e no Diário da Noite nos anos de 1929, ao mesmo tempo em que conservaram algumas características do pensamento autoritário em suas propostas político-filosóficas para o Brasil.

Da proteção a Ordem: o autoritarismo e o cerceamento das liberdades individuais

Durante as primeiras décadas do século XX, em substituição a antiga divisão partidária entre monarquistas e republicanos, surgiu uma proposta diferenciada para a política nacional, ancorada em discussões proposta por Alberto Torres e posteriormente



Oliveira Vianna. Segundo Bolivar Lamounier, a ideologia estatal brasileira, durante os anos de 1930, se desenvolveu através da junção dos elementos positivistas e conservadores da linguagem organicista. Nessa perspectiva, na interpretação de Oliveira Vianna, um Estado forte era necessário para erradicar os males do passado, controlar o processo de mudança e preservar as qualidades que possam existir no país. A organização nacional estaria dependente da constituição de um “centro coordenador”, “capaz de intrometer-se em todo o organismo brasileiro, despertando vitalidade” (BOLIVAR, 1977:361). Essas idéias foram amplamente divulgadas através de artigos e livros publicados por ambos os filósofos políticos nesse período.

Nesse sentido, podemos perceber que essas idéias foram hegemônicas entre os anos de 1930 e 1940. Realmente a centralização, como já citado, foi implementada durante o governo Vargas, mais precisamente, o Estado Novo, com a criação de seus mais diversos departamentos administrativos. No entanto, muito antes, ainda durante a República Velha, apesar dessa manter características federalistas, com teórico “respeito” a autonomia dos Estados, efetivamente exercia um poder coercitivo e autoritário, principalmente durante dos governos de Arthur Bernardes e seu Estado de Sítio e Washington Luís e suas constantes ameaças de intervenção.

O autoritarismo para nós é mais do que parte de uma processo de centralização do poder, é a própria dinâmica da intervenção estatal nos mais diversos assuntos políticos-administrativos do país. Sendo assim, um governo, mesmo que descentralizado, pode ser autoritário, desde que atue de forma intransigente quanto a diversidade de opinião dos demais órgãos constitutivos na nação. Frente a isso, optamos pelo termo autoritarismo para designar a crítica produzida pelos intelectuais Sérgio Buarque de Holanda e Assis Chateaubriand, na imprensa, durante os anos de 1929-30, ao governo de Washington Luís e a própria estrutura administrativa nacional.

Dessa forma, é importante percebermos a singularidade do momento em que Buarque e Assis Chateaubriand se dispuseram a produzir e publicar suas inflammas críticas ao Estado nacional, suas características autoritárias, ineficiência administrativa e personalismo político.

Ambos escreveram fluentemente, os jornais O Jornal, Diário de São Paulo e Diário da Noite, no fim dos anos de 1920, período extremamente conturbado com as eleições presidenciais no Brasil. Essa década, é importante lembrarmos, terminou com o

golpe de Getúlio Vargas em outubro de 1930. Os meses que antecederam as eleições assistiram um verdadeiro “fogo cruzado” entre os candidatos à presidência, Getúlio Vargas e Júlio Prestes. Os humores no Brasil eram sensíveis diante das transformações políticas que estavam para acontecer.

A década de 20 não foi nada fácil para a economia brasileira e muito menos para a política. O governo de Artur Bernardes foi exercido sob Estado de Sítio, o que deixou os ânimos brasileiros muito alterados. Entretanto, ainda pairava a esperança de uma “volta por cima” da política do café, fato que na realidade não ocorreu durante o governo de Washington Luís e, na verdade, muito se agravou no final de seu mandato. São Paulo não queria perder sua hegemonia econômica e ao mesmo tempo outros grupos em ascensão almejavam espaço para participação no governo.

A luta pela hegemonia nacional encontrou, significativamente, em São Paulo, o respaldo dos setores industriais que apoiavam o situacionismo. Mas tudo indica que o continuísmo almejado pela indústria emergente excluía intenções de acentuada ou imediata modernização política, isto é, a abertura de novos canais de participação.¹

Em meio à crise econômica, a insatisfação geral e ao desfecho conturbado das eleições presidenciais, estourou a Revolução de 1930 que depôs Washington Luís, colocou Getúlio Vargas no poder e inaugurou uma nova era na política nacional. Sérgio Buarque de Holanda não presenciou o golpe de 30, porque estava na Alemanha como emissário dos Diários e Associados², desde julho de 1929. “*A revolução de 1930 vai encontrar Sérgio Buarque de Holanda em Berlim, como enviado especial dos Diários e Associados na Alemanha, Polônia e Rússia, fazia mais de um ano*” (BARBOSA, 1988:44).

Sérgio Buarque foi enviado à Alemanha para analisar e registrar a situação político-social da Europa frente à nova ordem social que se constituía após a Primeira Guerra Mundial. Em seu artigo “*Paraíso dos bandidos e el dourado de epidemias: eis o que é o Brasil para a imprensa européia*”, vê-se sua preocupação com a imagem do Brasil.

¹ Ver mais: CAMARGO, Aspásia. *A Revolução das Elites: Clivagens Regionais e Centralização Política*. In:--- **Simpósio sobre a Revolução de 30**. Porto Alegre, out. 1980. Porto Alegre, ERUS, 1983, p. 391.

² O Diários e Associados nasceu em 1924 com a compra de *O Jornal*, jornal diário do Rio de Janeiro, por Assis Chateaubriand.



A esse retrato das possibilidades econômicas do Brasil podemos juntar as informações e correspondências, freqüentes publicadas e não menos desoladoras, sobre nossa situação política. Um jornal berlinense diz, por exemplo, de nossa Câmara dos Deputados, que é uma espécie de “far-west”. Um outro declara que nossos políticos servem-se, não raro, de bandidos perigosos para fazerem vencer as suas ambições pessoais. Ainda aqui não farei melhor que transcrever o que diz uma correspondência publicada em 5 de janeiro último pela “Lolonische Zeitung” acerca de “Lampeão” e o banditismo no nordeste. Depois de se referir ao apoio prestado pelo Padre Cícero à candidatura Júlio Prestes para a presidência da República, o articulista menciona as ligações existentes entre o “rei do sertão” e o bandido Lampeão (HOLANDA, 19/02/1930).

Na citação acima, vemos que acima da análise da política alemã, o interesse tanto dos Diários Associados, quanto do jovem jornalista é reflexão e alusão a situação política brasileira. A Alemanha era um importante investidor que o Brasil, frente a crise do café, perdia. Ao refletirmos sobre a crítica produzida por Assis Chateaubriand ao governo de Washington Luís, precisamos considerar que São Paulo, um dos maiores produtores de café nacional, era o Estado mais prejudicado com a crise e ao mesmo tempo, o centro dinâmico da política brasileira. Portanto, nenhum lugar, no ano pré-eleitoral, parecia mais oportuno para o envio de um correspondente do que a Alemanha. De acordo com Hamilton M. Monteiro, São Paulo era, desde a proclamação da República, o novo centro econômico do país e se achava, “*no direito de ter uma influência política conforme sua preponderância econômica*” (MONTEIRO, 1994: 69). Essa preponderância, referida por Monteiro, confirma-se pela alternância no governo federal entre paulistas e mineiros, a qual foi quebrada pelo último governo da política café-com-leite, Washington Luís.

A crítica, tanto de Sérgio Buarque, quanto de Assis Chateaubriand dirigiu-se ao estado “autoritário”, “despótico” e “tirânico” em que vivia o Brasil. Segundo o astuto observador, Ernest Hambloch, o sistema de Estado de Sítio empregado pelo primeiro presidente da República, tornou-se entre os governos que o sucederam comum. “*A prática tornou-se perfeita. Eles tinham empregado o estado de sítio sem dúvida e hesitação – e caminharam em direção ao despotismo, com a aprovação servil do Congresso. O povo brasileiro foi compelido à aquiescência nas liberdades republicanas*”

pelos métodos persuasivos dos majores” (HAMBLOCH, 2000:50). O estado de sítio, como nos diz Hambloch, tornou-se corriqueiro entre os governos brasileiros, conseqüentemente a censura arrastada por ele também.

Nesse contexto, apesar dos Estados possuírem autonomia para fazer empréstimos no exterior, não tinham a liberdade para discordar de seu presidente da República. Essa situação de constante dependência, na visão de Chateaubriand, tornava os brasileiro escravos permanentes, como afirmou em reportagem publicada no Diário da Noite, em 04/12/1929, intitulada “Branco e Pretos escravos”:

Um presidente da República quando toma as rédeas ao executivo, nos termos do seu compromisso, jura manter a forma federativa dentro do regimen que adoptamos implica obediência à autonomia dos Estados, o respeito à sua soberania interna. (...) O crime que o sr. Washington Luís quer fazer o Rio Grande expiar, sob a ameaça da intervenção á mão armada, é apenas o de ter um candidato á presidência da República que não inculdado pelo Catete (Diário da Noite, 04/12/1929).

Conforme citação acima, Chateaubriand, criticava o cerceamento da liberdade de expressão política elaborado pelo governo federal, que através de suas ameaças de intervenção acreditava ser capaz de dominar o processo eleitoral e impor sua vontade. Nessa situação o presidente da república, mais do que um governo autoritário, manifestou uma tentativa de dominação despótica sobre as liberdades coletivas, dentro de um Estado que se intitulava democrático.

Essa crítica não foi produzida pelo astuto jornalista, e proprietário da rede de jornais dos Diários Associados, de forma isolada, desde muito direcionava sua atenção aos desmandos do governo federal. No entanto, diante de sua participação na fundação da Aliança Liberal, e conseqüente papel de propaganda e defesa, intensificou seus ataques ao governo de Washington Luís entre os meses de julho de 1929 e março de 1930, período sob o qual centramos esse trabalho.

Chateaubriand em 02/07/1929, em meio aos primeiros passos para a formação da Aliança Liberal, que seria importante oposição a candidatura de Júlio Prestes, promovida pelo governo federal, e que teria papel fundamental na Revolução de 1930, até a posse de Vargas, publicou o artigo intitulado “O poder da Calúnia”, no qual criticou diretamente do senador Adolpho Gordo, que teria como a maioria do governo,



X ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA

O BRASIL NO SUL: CRUZANDO FRONTEIRAS ENTRE O REGIONAL E O NACIONAL

26 a 30 de julho de 2010 - Santa Maria - RS

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Centro Universitário Franciscano - UNIFRA

“excessos e abusos do poder pessoal”. O governo brasileiro, não apenas na pessoa do presidente, estaria, como vemos nessa citação, contaminado por um ideário despótico, sob o qual os membros dessa administração justificavam suas atitudes. Nessa mesma direção, Chateaubriand publicou outro artigo em 08/07/1929 intitulado “Homem de Estado e Conquistador”, no qual acusa o presidente Washington Luís de cercear as liberdades de expressão política nacional. Segundo o intelectual, *“O primeiro magistrado da República brasileira não admite que se ventile a questão presidencial. Quem suscita e resolve esse problema é o chefe do executivo federal. Fora dele não há liberdade de pensamento quanto mais de debate e livre exame”* (Diário da Noite, 08/07/1929). Conforme a afirmação acima, Chateaubriand, centrava suas críticas no cerceamento das liberdades de expressão e “livre exame” empregado pelo governo federal. Para ele, o princípio de um governo que se intitulava “democrático” deveria ser a liberdade de expressão. Em outro artigo intitulado “Fora da Razão e da Lei” publicado em 15/08/1929, o jornalista citou a censura empregada pelo governo nas transmissões de rádio e acusou-o de violação da lei por esse feito.

O governo brasileiro nas reportagens de Assis Chateaubriand, mais do que pintado como um governo autoritário e despótico foi caracterizado como “ilegal”. Dessa forma, a luta empregada pela Aliança Liberal, através das figuras de Antônio Carlos, presidente do Estado de Minas Gerais e Getúlio Vargas, presidente do Estado do Rio Grande do Sul era contra o “mandonismo oficial”, conforme reportagem publicada em 22/08/1929, intitulada “A creptação liberal em Minas”.

Entre os anos de 1929 e 1930 foram 415 reportagens publicadas especificamente centradas na temática de discussão sobre governo e dessas 178 foram voltadas especificamente à crítica às características despóticas do governo federal, como vemos no artigo “A escravidão em Minas” publicado em 13/09/1929, no qual afirmou:

Um presidente, que tenta impedir que o povo vote como lhe dita a sua consciência, não tem mais autoridade para dirigi-lo como depositário de um poder constitucional. Exerce essa autoridade como um tyranno, como um urupador, pela benevolência e a misericórdia dos concidadãos os quais o seu dedo aponta o mais perigoso caminho por onde o povo deverá ir reivindicar os seus direitos (Diário de Notícias, 13/09/1929).

Washington Luís, conforme a citação, era para Chateaubriand um tirano, usurpador das liberdades individuais garantidas pela democracia. Sendo assim, podemos perceber que a crítica chateaubriana transcende a simples constatação de características despóticas no governo brasileiro, vai além e aponta para a instituição de uma democracia de fachada, mal implantada, que na verdade não existiria, pois se fosse efetiva não seria facilmente burlada por um governante.

As deficiências da democracia nacional e até sua inexistência foram continuamente apontadas pelo jornalista, como forma de alertar os eleitores para o perigo de eleger Júlio Prestes, que seria continuador da política exercida por Washington Luís. E muito além disso, aponta para a necessidade de uma profunda reforma política no país, que solidificasse o direito a liberdade de escolha e expressão dos cidadãos brasileiros.

O exercício do poder autoritário e despótico por Washington Luís era para Chateaubriand o próprio cerceamento dos direitos dos brasileiros, como apontou em artigo intitulado “Um governo que não respeita a honra dos seus concidadãos”, de 03/10/1929:

Mandando que os fazendeiros de café em Minas adhiram á candidatura Prestes, ou então não terão mais transportes nas estradas de ferro da União. O sr. Carvalho Brito ahi está para estrangular os recalcitrantes, que quiserem transportar café e votar na Aliança Liberal. A nação encontra nessas duas atitudes os elementos para julgar o papel do sr. Washington Luís no momento político nacional. Quem leva a nação ao desespero, quem usa contra ella armas vedadas; quem a provoca, sem nenhuma noção da gravidade da hora que passa, no auge do partidarismo fraticida, é o primeiro magistrado” (Diário da Noite, 03/10/1929).

O presidente, segundo referido por Chateaubriand, fazia uso de seu poder pessoal para constranger todos a fazerem suas vontades, assim intervia diretamente no processo de sucessão eleitoral e podava o direito de livre escolha dos brasileiros. O autoritarismo exercido por Washington Luís convertia-se numa tirania que, na visão chateaubriana, mantinha o povo brasileiro em estado de escravidão.

Esse caráter tirânico do presidente foi enfatizado em outro artigo, publicado em 18/11/1929, “Um voluptuoso da escravidão”, no qual afirmou:

A scisão provocada pelo vice-presidente da República no seio da Comissão Executiva do Partido foi um candinho para apurar o modo candú mais perfeito o sentimento liberal de Minas com toda a intransigência da sua energia afim de resistir, até a vitória final, à tyrannia dos methods de campanha pretista dentro do Estado (Diário da Noite, 18/11/1929).

A campanha de Júlio Prestes era, segundo a referida citação, totalmente dirigida pelas vontades tirânicas do presidente da República, que não poupava esforços em oprimir as lideranças dos Estados e obriga-las a aderir ao seu candidato oficial. No entanto, não apenas o presidente foi insistentemente atacado pelo jornalista, como também seu candidato Júlio Prestes foi comparado aos mais diversos personagens, que simbolizavam o despotismo e a tirania, como por exemplo a Solano Lopes, no artigo “O dictador do Café”, no qual afirmou: “*O presidente Júlio Prestes está repetindo, na luta pela grandeza do café, os mesmos episódios com que Solano Lopes terminou a guerra do Paraguay*” (Diário de Notícias, 03/12/1929). Júlio Prestes, nesse artigo, mais do que despótico, tirânico e autoritário, foi comparada a um sanguinário, desalmado, sem a menor preocupação com o bem coletivo. Diante desse cenário, as vésperas das eleições, as críticas de Assis Chateaubriand eram dirigidas aos leitores como alertas de seus papeis no processo eleitoral e nos rumos da nação.

Naquele momento, mais do que nunca, podemos perceber no discurso de Chateaubriand, era necessário que os brasileiros percebessem seu poder decisório no processo eleitoral, ao mesmo tempo que deveriam estar atentos para as possíveis fraudes, considerando que o governo que dirigia as urnas era tirânico e despótico.

Nesse segundo semestre de 1929, é interessante percebermos que de forma diferente Sérgio Buarque de Holanda também apresentou sua crítica nas páginas dos jornais da rede dos Diários Associados. O jovem jornalista foi contratado por Assis Chateaubriand para cobrir o momento político na Alemanha, com a intenção de entrar na recém fundada União Soviética. Seus artigos que em princípio eram publicados na terceira ou quarta páginas do O Jornal ou do Diário de São Paulo, logo ganharam as primeiras páginas, com destaques. Em sua primeira reportagem, intitulada “Através da Alemanha”, publicada em 23/08/1929, afirmou que a Alemanha era um importante exemplo para o Brasil no momento político que atravessava, sendo assim, seus comentários sobre a situação germânica nos alertam para a constante comparação com



X ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA

O BRASIL NO SUL: CRUZANDO FRONTEIRAS ENTRE O REGIONAL E O NACIONAL

26 a 30 de julho de 2010 - Santa Maria - RS

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Centro Universitário Franciscano - UNIFRA

nosso país. Essa comparação não era desprovida de intenção, afinal ele fora enviado naquele momento para a Alemanha com um objetivo específico, das substância científica e empírica as crítica elaboradas pelo Diário Associados a situação nacional.

No entanto, Sérgio Buarque não se posicionou apenas como um observador compromissado com a linha editorial do jornal, mas como um pensador político e apresentou em grande parte sua tese para a política nacional que desenvolveu profundamente em sua *magistrae* obra “*Raízes do Brasil*”.

Sérgio Buarque nunca deixou de apontar o abismo cultural que separava os brasileiros dos povos germânicos, como apontou em artigo homônimo, publicado em 15/09/1929. No entanto, acenou, no mesmo texto, para o exemplo alemão, a necessidade de bom censo dos governos em suas administrações nacionais. Ele citou, “*Em nenhum outro país, talvez, a solução dos problemas capitais depende tanto como neste da energia, da boa vontade e da sabedoria dos governos*” (O Jornal, 15/09/1929). Como vemos, seu texto, mais ameno que os de Chateaubriand, não isentou o Estado brasileiro de crítica, chamou a atenção para a necessidade de sabedoria, indicando a ausencia da mesma no governo de Washington Luís. Nessa mesma direção, em outro artigo também intitulado “Através da Alemanha”, publicado em 08/11/1929, afirmou que teve “*ocasião de declarar em outra correspondência que os esforços para o ressurgimento do país dependerão sobretudo dos seus governos*” (O Jornal, 08/11/1929). Novamente em alusão ao Brasil, salientou a crise vivida pela economia nacional, a qual dependia dos esforços do governo, que sempre intervira diretamente, estimulando uma política do café ilusória que diante da crise não se sustentava, e que naquele momento optara por isentar-se de qualquer culpabilidade abandonando os cafeicultores a própria sorte.

Em meio a suas incursões político-antropológicas, Sérgio Buarque atentou para o fato de que o governo polonês, apenar de seu investimento e fabuloso ressurgimento econômico, tinha contra si mesmo suas características ditatoriais, as quais deveriam ser absorvidas pela renovação do governo democrático. Em outro texto, publicado em 16/11/1929, intitulado “Um país que ressurge”, afirmou através das palavras do Marechal Pilsudski, que “*a força sem a liberdade e a justiça não é se não violência e tirania*”. No Brasil, como alusão proposta por Sérgio Buarque nessa citação, não tinha mais do que uma tirania, pois o governo privava seus cidadãos de toda liberdade



possível, usurpava-lhe a justiça e empregava a violência através do uso do exército, das ameaças de intervenção, censura e repressão.

Dessa forma, tanto Assis Chateaubriand quanto Sérgio Buarque de maneiras diversas veicularam suas críticas aos estado despótico sob o qual viviam os brasileiros. Para eles, naquele momento a campanha eleitoral, a sucessão presidencial apontava a possibilidade de transformação política para o Brasil, por isso, suas críticas eram necessárias como instrumentos para atuação no cenário político nacional. Assim, para ambos os intelectuais, seus textos não eram reflexos desse contexto, mas eram armas para transformação do Brasil.

FONTES

CHATEAUBRIAND, Assis. *O poder da Calúnia*. Diário da Noite. 02/07/1929.

_____. *Homem de Estado e Conquistador*. Diário da Noite. 08/07/1929.

_____. *Fora da razão e da lei*. Diário da Noite. 13/08/1929.

_____. *A creptação liberal em Minas*. Diário da Noite. 22/08/1929.

_____. *A escravidão em Minas*. Diário da Noite. 13/09/1929.

_____. *Um governo que não respeita a honra dos seus concidadãos*. Diário da Noite. 03/10/1929.

_____. *Um voluptuoso da escravidão*. Diário da Noite. 18/11/1929.

_____. *O ditador do Café*. Diário da Noite. 03/12/1929.

_____. *Branco e pretos escravos*. Diário da Noite. 04/12/1929.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Paraíso dos bandidos e el dourado de epidemias: eis o que é o Brasil para a imprensa européia*. Diário de São Paulo. 19/02/1930.

_____. *Através da Alemanha*. O Jornal. 23/08/1929.

_____. *Através da Alemanha*. O Jornal. 15/09/1929.

_____. *Através da Alemanha*. O Jornal. 08/11/1929.

_____. *Um país que ressurgiu*. O Jornal. 16/11/1929.

BIBLIOGRAFIA



X ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA

O BRASIL NO SUL: CRUZANDO FRONTEIRAS ENTRE O REGIONAL E O NACIONAL

26 a 30 de julho de 2010 - Santa Maria - RS

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Centro Universitário Franciscano - UNIFRA

BARBOSA, Francisco de Assis. *Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre a sua formação intelectual até Raízes do Brasil*. In: Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

BARBOSA, Ruy. *A Grande Guerra: o maior monumento de eloquência em torno da maior conflagração do mundo*. Rio de Janeiro. Editora Guanabara, 1932.

DINES, Alberto. *O Papel do Jornal: uma releitura*. 4 ed. São Paulo. SUMUS, 1986.

HAMBLOCH, Hernert. *Sua majestade o Presidente do Brasil: um estudo do Brasil (1889-1934)*. Brasília. Senado Federal, 2000.

LAFER, Celso. *O sistema político brasileiro: estrutura e processo*. São Paulo. Editora Perspectiva, 1975.

MOUILLAUD, Maurice. *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília. Paralelo 15, 1997.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: REMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2003.

TAVARES, José Antônio Giusti. *A estrutura do autoritarismo brasileiro*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1982.